

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Associações entre forças de caráter e estilos parentais em adultos

Associations between character strengths and parenting styles in adults

Asociaciones entre las fuerzas del carácter y los estilos parentales en adultos

Helder Henrique Viana Santos Batista¹, Ana Paula Porto Noronha² & Caroline Tozzi Reppold³

¹Universidade São Francisco. *E-mail*: helder.hvb@gmail.com *ORCID*: <https://orcid.org/0000-0001-5588-8682>

²Universidade São Francisco. *E-mail*: ana.noronha8@gmail.com *ORCID*: <https://orcid.org/0000-0001-6821-0299>

³Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. *E-mail*: carolinereppold@yahoo.com.br *ORCID*: <https://orcid.org/0000-0002-0236-2553>

RESUMO

Forças de caráter e estilos parentais podem ser fatores protetivos contra o desenvolvimento de psicopatologias. A literatura indica tal efeito sobre a infância e adolescência; contudo, é necessário compreendê-lo melhor em adultos. Esse estudo investigou a associação de tais construtos em 424 participantes (idades entre 18 e 73 anos) de uma amostra brasileira e considerou diferenças relacionadas a características sociodemográficas. Utilizou-se a Escala de Forças de Caráter-Breve (EFC-Breve) e duas Escalas de Responsividade e Exigência Parental adaptadas (EREP e EREP-Pais). As associações de maiores magnitudes foram entre as forças com as dimensões de responsividade das EREP's (r entre 0,13 e 0,40). Participantes mais responsivos, com filhos e com maior nível de escolaridade apresentaram maiores médias nos fatores da EFC-Breve. Conclui-se que o efeito dos estilos parentais na vida adulta não seja tão expressivo, cabendo a cada indivíduo, em sua liberdade, decidir o que é melhor para si.

PALAVRAS-CHAVE:

Avaliação psicológica; Psicologia positiva; Virtudes; Relações familiares; Estados emocionais.

Informações do Artigo:

Helder Henrique Viana
Santos Batista
helder.hvb@gmail.com

Recebido em: 21/11/2020

Aceito em: 30/03/2021

ABSTRACT

Character strengths and parenting styles can be protective factors against the development of psychopathologies. The literature indicates such an effect on childhood and adolescence; however, it is necessary to understand it better in adults. This study investigated the association of such constructs in 424 participants (aged between 18 and 73 years) from a Brazilian sample and considered differences related to sociodemographic characteristics. The Character Strengths Scale (CSS-Brief) and two adapted Responsiveness and Parental Requirement Scales (RPRS and RPRS-Parents) were used. The highest magnitudes associations were between the strengths and the responsiveness dimensions of the RPRS's (r between 0.13 and 0.40). More responsive participants, with children and with a higher level of education, had higher averages in the factors of CSS-Brief. It is concluded that the effect of parenting styles in adult life is not so expressive, and it is up to each individual, in their freedom, to decide what is best for them.

KEYWORDS:

Psychological evaluation; Positive psychology; Virtues; Family relations; Emotional states.

RESUMEN

Las fuerzas de carácter y los estilos parentales pueden ser factores protectores contra el desarrollo de psicopatologías. La literatura indica tal efecto en la infancia y la adolescencia; sin embargo, es necesario comprenderlo mejor en los adultos. Este estudio investigó la asociación de dichos constructos en 424 participantes (entre 18 y 73 años) de una muestra brasileña y consideró las diferencias relacionadas con las características sociodemográficas. Se utilizaron la Escala de Fuerzas de Carácter Breve (EFC-Breve) y dos Escalas de Responsividad y Exigencia Parental adaptadas (EREP y EREP-Padres). Las asociaciones de mayores magnitudes fueron entre las fuerzas y las dimensiones de responsividad de las EREP (r entre 0,13 y 0,40). Los participantes más receptivos, con hijos y con un mayor nivel de educación, tuvieron promedios más altos en los factores de EFC-Breve. Se concluye que el efecto de los estilos parentales en la vida adulta no es tan expresivo, y depende de cada individuo, en su libertad, decidir qué es lo mejor para él.

PALABRAS CLAVE:

Evaluación psicológica; Psicología positiva; Virtudes; Relaciones familiares; Estados emocionales.

O objetivo do presente estudo foi investigar as associações entre as forças de caráter e os estilos parentais de adultos, além de considerar diferenças relacionadas às características sociodemográficas dos participantes, como forma de obter evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis para a Escala de Forças de Caráter-Breve (EFC-Breve). Pretendeu-se aprofundar o estudo sobre as forças de caráter pelo fato de a literatura indicar que o seu desenvolvimento pode contribuir com o estabelecimento de relações interpessoais mais agradáveis, maior engajamento no trabalho, atividades acadêmicas e vivência mais

frequente de estados emocionais positivos (Littman-Ovadia, Lavy, & Boiman-Meshita, 2017; Seligman, 2019), além de ser um fator protetivo contra psicopatologias (Gustems & Calderón, 2014; Harzer & Ruch, 2015).

As forças de caráter são características humanas positivas que são expressas por meio de emoções, sentimentos e comportamentos, que contribuem para que a vida seja mais feliz, bem-sucedida e satisfeita (Harzer & Ruch, 2015; Park, Peterson, & Suh, 2013; Seligman, 2019). Em estudos anteriores, foram identificadas associações positivas das forças de caráter com características positivas da personalidade (Noronha & Campos, 2018), satisfação com a vida e bem-estar subjetivo (Noronha & Martins, 2016; Oliveira, Nunes, Legal, & Noronha, 2016) e também com os estilos parentais (Noronha & Batista, 2017; Shoshani & Aviv, 2012). Estilos parentais dizem respeito ao conjunto de manifestações e atitudes dos pais em relação aos filhos, envolvendo questões de poder e hierarquia, estímulo à autonomia e apoio emocional, de forma que um clima psicológico-emocional se estabeleça entre a díade pais-filhos (Baumrind, 2005; Maccoby & Martin, 1983; Reppold, Pacheco, Bardagi, & Hutz, 2002).

Identificar associações entre as forças e os estilos parentais se faz importante por conta do impacto que as relações familiares podem ter no desenvolvimento das forças de caráter e no desempenho escolar de crianças (Fonsêca, Andrade, Santos, Cunha, & Albuquerque, 2014; Mota, Costa, Pinheiro, & Nunes, 2019; Seligman, 2019). O controle, o apoio e o afeto envolvidos na relação da díade pais-filhos podem agir no desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes no que diz respeito à autoestima, ajustamento social e desenvolvimento de psicopatologias (Baumrind, 2005; Fonsêca et al., 2014; Kopala-Sibley et al., 2017; Lo, Kwok, Yeung, Low, & Tam, 2017; Maccoby & Martin, 1983).

Assim, ao identificar as forças de caráter e os estilos que os pais adotam na educação dos filhos, busca-se oferecer formas práticas de orientá-los quando os filhos se encontrarem em situações clínicas, escolares ou institucionais, contribuindo para o desenvolvimento da responsabilidade, da autonomia, da disciplina e dos pontos fortes de seus filhos (Noronha & Batista, 2017; Reppold & Almeida, 2019). A vantagem de investigar diferentes aspectos do contexto familiar por meio dos estilos parentais é que algumas interpretações equivocadas na relação entre filhos e pais podem ser evitadas, como, por exemplo, considerar

somente as características dos filhos ou apenas as atitudes isoladas dos pais (Weber, Brandenburg, & Viezzer, 2003).

Por meio da combinação das dimensões de exigência e responsividade, foram definidos quatro tipos de estilos parentais, quais sejam: autoritativo, autoritário, negligente e indulgente (Maccoby & Martin, 1983). A exigência é o nível de disponibilidade dos pais para atuarem como agentes socializadores dos filhos, de forma que supervisionem e monitorem os comportamentos deles e exijam, ainda, que tenham disciplina para que metas de desempenho sejam alcançadas. A responsividade refere-se às atitudes compreensivas que os pais têm para com os filhos, de forma que a comunicação recíproca, o apoio emocional, e o estímulo à autonomia dada pelos pais facilitem o desenvolvimento da autoafirmação dos filhos. Altos níveis de exigência e responsividade caracterizam o estilo autoritativo e baixos níveis dessas dimensões descrevem o estilo negligente. Altos níveis de exigência e baixos de responsividade dizem respeito ao estilo autoritário e o estilo indulgente é aquele o qual o indivíduo apresenta baixos níveis de exigência e altos de responsividade (Baumrind, 2005; Kopala-Sibley et al., 2017; Maccoby & Martin, 1983).

O estilo autoritativo é considerado o mais adequado em amostras não-clínicas (González, Bakker, & Rubiales, 2014), uma vez que há controle estrito dos comportamentos dos filhos concomitantemente com suporte emocional (Fonsêca et al., 2014). Além disso, pais autoritativos atuam como uma espécie de fator de proteção para adolescentes com ideações suicidas (Magnani & Staudt, 2018). Pais responsivos se comunicam bem com os filhos, aceitam seus argumentos, conseguem contribuir mais para que os filhos desenvolvam a autonomia, a autoconfiança e a autoestima, e consigam obter melhores desempenhos acadêmicos. Por sua vez, pais com altos níveis de exigência associam-se a filhos inseguros e preocupados com o desempenho acadêmico, mesmo que tenham repertório adequado (Fonsêca et al., 2014; Pacheco, Teixeira, & Gomes, 1999).

Em geral, as investigações que consideraram as forças de caráter e os estilos parentais possuem um direcionamento voltado para a possível interferência das características dos pais no desenvolvimento dos filhos (Kopala-Sibley et al., 2017; Loton & Waters, 2017; Ngai et al., 2018; Shoshani & Aviv, 2012). Alguns estudos indicaram que tais interferências parentais podem ter efeitos que se estendem na vida adulta (Di

Stefano & Cyr, 2014; Huppert, Abbott, Ploubidis, Richards, & Kuh, 2010). Se tais efeitos forem positivos, podem minimizar as consequências negativas do divórcio e aumentar os níveis de bem-estar subjetivo e psicológico (Di Stefano & Cyr, 2014; Huppert et al., 2010; Oliveira et al., 2002). Ademais, além de existir uma tendência de os estilos parentais influenciarem nos estilos adotados futuramente pelos filhos (Oliveira et al., 2002), as forças de caráter são características que tendem a se tornar estáveis com o passar do tempo, principalmente se forem desenvolvidas durante a infância e adolescência (Brazeau, Teatero, Rawana, Brownlee, & Blanchette, 2012). Nesse sentido, é importante que pais e filhos desenvolvam características como as forças de caráter para o estabelecimento de relacionamentos mais saudáveis em nível intra e extrafamiliar (Ngai et al., 2018).

Shoshani e Aviv (2012) analisaram as associações entre as forças de caráter parentais e infantis com o ajustamento escolar de crianças durante o período de entrada na escola. Participaram desse estudo 479 pais e 16 professores de crianças com idades de 6 e 7 anos. Foram utilizados o VIA-IS para adultos, o VIA-IS para crianças e o *45-item School Engagement Survey*, para avaliar, respectivamente, as forças de caráter dos pais, das crianças e o ajustamento cognitivo, social e emocional das crianças. Os pais responderam os dois instrumentos de forças de caráter e os professores, o *45-item School Engagement Survey*. Foram identificadas associações positivas, fracas e moderadas, entre os fatores forças interpessoais ($r = 0,20$), forças intelectuais ($r = 0,34$) e forças de restrição ($r = 0,23$) dos VIA-IS's. O VIA-IS para crianças apresentou associações significativas (r entre 0,14 e 0,47) com o ajustamento escolar. Assim, os autores ressaltaram que é necessário dar importância às forças de caráter parentais para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, o que parece importante, dado que as forças tendem a se tornarem estáveis com o passar do tempo (Brazeau et al., 2012).

Em outro estudo, Noronha e Batista (2017) investigaram as associações entre as forças e os estilos parentais em 24 casais com idades entre 24 e 60 anos que frequentavam uma comunidade religiosa no Brasil. Os instrumentos desse estudo foram a Escala de Forças de Caráter e a Escala de Responsividade e Exigência Parental adaptada para pais. Os resultados indicaram que a responsividade esteve mais associada às forças (r entre 0,31 e 0,59) do que a exigência dos pais (r entre 0,32 e 0,4). O construto esperança associou-se significativamente às duas dimensões de responsividade e às duas de exigência (r entre 0,35 e 0,5); vitalidade

(r entre 0,32 e 0,38) e bondade (r entre 0,41 e 0,59) apresentaram correlações significativas com as duas dimensões de responsividade e com a exigência do cônjuge. Os autores concluíram que investigações semelhantes podem proporcionar orientações práticas para pais, de forma a destacar os pontos fortes e bons relacionamentos familiares.

Loton e Waters (2017) ressaltaram que os estudos sobre a parentalidade, de forma geral, não têm investigado a construção de capacidades positivas, como as forças, sendo uma lacuna na literatura. A autoestima pode ser mais elevada (Kopala-Sibley et al., 2017) e as psicopatologias infantis minimizadas em crianças cujos pais apresentem altos níveis das forças gratidão (Lo et al., 2017), esperança, humor e vitalidade (Noronha & Batista, 2017; 2020). Assim, faz-se necessário analisar as forças de caráter conjuntamente com os estilos parentais em amostras de adultos, de forma que se identifique como os adultos percebem a forma que foram educados pelos pais, o que poderia trazer compreensões mais amplas sobre os comportamentos e sentimentos dos envolvidos (Huppert et al., 2010; Oliveira et al., 2002; Weber et al., 2003). Hipotetizou-se que as associações entre as forças de caráter e os estilos parentais seriam positivas, com magnitudes baixas e moderadas (Ngai et al., 2018; Noronha & Batista, 2017; Shoshani & Aviv, 2012).

Método

Participantes

Foram participantes 424 pessoas de uma amostra geral do Brasil, com idades entre 18 e 73 anos ($M = 32,28$; $DP = 11,78$), sendo 74,1% do sexo feminino. Em relação à escolaridade, a distribuição dos participantes nesse quesito foi: pós-graduação completa (29,48%), superior incompleto (28,07%), superior completo (21,23%), ensino médio completo (12,26%), pós-graduação incompleta (8,02%), ensino médio incompleto (0,47%) e, por fim, fundamental II incompleto (0,47%). Além disso, 55,90% eram solteiros, 40,57% casados, 2,83% divorciados/separados, 0,71% viúvos, e a maioria (70,52%) não tinha filhos.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico.

Desenvolvido para o presente estudo, a fim de obter informações sobre o sexo, a idade, a escolaridade e o estado civil dos participantes e se tinham filhos.

Escala de Forças de Caráter-Breve – EFC-Breve.

O instrumento é uma versão breve da Escala de Forças de Caráter (Noronha & Barbosa, 2016) e avalia as forças de caráter por meio de 18 itens, agrupados em dois fatores. O fator forças intrapessoais ($\alpha = 0,83$) tem seis itens que dizem respeito às vivências que traduzem energia, apreço pela aprendizagem e beleza e uma positiva orientação de futuro. O fator forças intelectuais e interpessoais ($\alpha = 0,87$) possui 12 itens que se referem às forças cognitivas que auxiliam no enfrentamento de dificuldades, solução de problemas e estabelecimento de relacionamentos interpessoais, visando criar ambientes de convívio saudáveis. Os itens são respondidos em uma escala Likert de cinco pontos (0 = *nada a ver comigo* e 4 = *tudo a ver comigo*). “Sou uma pessoa justa” e “Enfrento perigos para fazer o bem” são exemplos de itens.

Escala de Responsividade e Exigência Parental - EREP (Teixeira, Bardagi, & Gomes, 2004).

Esse dispositivo avalia a percepção dos respondentes acerca dos estilos parentais recebidos. A escala tem dois fatores e 24 itens (12 de responsividade e 12 de exigência), os quais o participante considera os comportamentos do pai e da mãe. A EREP é respondida no formato Likert de 5 pontos (0 = *quase nunca ou bem pouco* e 4 = *geralmente ou bastante*). As análises de consistência interna indicaram alfas de Cronbach com valores entre 0,78 e 0,91. Para o presente estudo, a instrução do instrumento foi adaptada e o tempo verbal dos itens foi alterado para o passado, de forma que os participantes pudessem responder ao instrumento retrospectivamente. Ou seja, foram consideradas as práticas empregadas pelos pais quando os respondentes eram crianças ou adolescentes. “Controlava as minhas notas no colégio” e “Mostrava interesse pelas coisas que eu fazia” são exemplos de itens.

Escala de Responsividade e Exigência Parental-versão adaptada para pais – EREP–Pais (Teixeira et al., 2004; adaptada por Noronha & Batista, 2017).

Escala que mensura como os pais percebem o próprio estilo parental e o estilo parental do cônjuge. Na EREP–Pais, os 24 itens (12 de responsividade e 12 de exigência), dispostos em dois fatores, foram adaptados para que os pais pudessem responder considerando a própria forma de educarem os filhos e a forma que os cônjuges educam os filhos. A escala é respondida no formato Likert de 5 pontos (0 = *quase nunca ou bem pouco* e 4 = *geralmente ou bastante*). Exemplo de itens adaptados: “Controla minhas notas no colégio” para

“Controlar suas notas no colégio”; “Demonstra carinho comigo” para “Demonstrar carinho com ele”. No estudo de adaptação, as consistências internas apresentaram valores para os alfas de Cronbach que vão de 0,84 a 0,95 (Noronha & Batista, 2017).

Procedimentos

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). As coletas de dados foram realizadas por meio de um questionário do Formulários Google. Um link com o convite para a participação na pesquisa foi disponibilizado em redes sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp e e-mail) e, mediante o aceite ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram disponibilizados aos participantes o questionário sociodemográfico, a EFC-Breve e a EREP. Ademais, para os participantes que indicaram possuir filho, foi disponibilizada a EREP-Pais para preenchimento. Em média, foram utilizados 40 minutos para realização das coletas.

Análise de Dados

O *software* IBM SPSS foi utilizado para as análises. As estatísticas descritivas (médias, medianas e desvios-padrão) foram utilizadas para caracterizar os escores dos participantes na EFC-Breve, na EREP e na EREP-Pais. A mediana foi utilizada para estabelecer os níveis (altos e baixos) das dimensões de responsividade e exigência parental da EREP e da EREP-Pais, com intuito de identificar as frequências das tipologias oriundas de tais dimensões. O teste de correlação de Pearson foi utilizado para identificar as associações entre a EFC-Breve, a EREP-Pais, EREP, a idade e o número de filhos. Adotou-se a interpretação de Levin e Fox (2004): fraca ($< 0,30$), moderada (entre 0,30 e 0,59), forte (entre 0,60 e 0,99) e perfeita (1,00). Em seguida, foram conduzidas análises de regressão linear múltiplas pelo método *Enter*: a) dimensões responsividade e exigência da EREP (do pai e da mãe) como variáveis independentes; fatores da EFC-Breve como variáveis dependentes; b) fatores da EFC-Breve como variáveis independentes; dimensões responsividade e exigência da EREP-Pais (autopercepção do respondente e percepção do estilo parental do cônjuge) como variáveis dependentes. A ANOVA buscou identificar possíveis diferenças de médias nos fatores da EFC-Breve de acordo com a escolaridade e o estado civil dos participantes e estilo parental (EREP-Pais e EREP). Por fim, o teste *t* de Student foi aplicado para identificar possíveis diferenças nas forças de

caráter relacionadas a possuir ou não filhos.

Resultados

Inicialmente, buscou-se identificar as estatísticas descritivas dos instrumentos. As medianas das EREP's foram utilizadas para classificar os níveis (baixo e alto) das dimensões exigência e responsividade. Os participantes que apresentaram pontuações iguais ou menores que as medianas tiveram classificação “baixa” e aqueles com pontuações maiores que as medianas foram classificadas com pontuação “alta”. Os dados estão dispostos na tabela abaixo.

Tabela 1.

Médias, desvios-padrão, confiabilidades e medianas da EFC-Breve, EREP e EREP-Pais

Instrumentos	Fatores (α)	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão	Mediana
EFC-Breve*	Escore Total (0,91)	0,00	4,00	2,78	0,65	2,83
	Forças Intrapessoais (0,85)	0,00	4,00	3,12	0,80	3,33
	Forças Intelectuais e Interpessoais (0,89)	0,00	4,00	2,61	0,69	2,67
EREP-Pais**	Exigência do RESPONDENTE (0,94)	0,00	4,00	2,86	0,96	3,00
	Responsividade do RESPONDENTE (0,93)	0,00	4,00	3,28	0,79	3,50
	Exigência do CÔNJUGE (0,93)	0,00	4,00	2,71	1,09	3,00
	Responsividade do CÔNJUGE (0,96)	0,00	4,00	2,85	1,16	3,25
EREP*	Exigência do PAI (0,95)	0,00	4,00	2,24	1,22	2,50
	Responsividade do PAI (0,95)	0,00	4,00	2,17	1,18	2,33
	Exigência da MÃE (0,89)	0,00	4,00	2,93	0,83	3,08
	Responsividade da MÃE (0,92)	0,00	4,00	2,82	0,93	3,00

Nota. *. Número de respondentes: 424; **. Número de respondentes: 125.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 1, os participantes apresentaram maior média no fator de forças intrapessoais quando comparados ao de forças intelectuais e interpessoais. Os participantes que são pais perceberam a si mesmos e ao cônjuge como mais responsivos do que exigentes; a exigência e a

responsividade do cônjuge foram menores do que a do respondente; as mães eram mais responsivas e exigentes que os pais. Na Tabela 2, estão dispostas as frequências e porcentagens das tipologias de estilos parentais das EREP's após a identificação da mediana da amostra e realizada categorização dos estilos. As tipologias mais frequentes foram: negligente e autoritativo, seguidas, respectivamente, pelos estilos: autoritário e indulgente, tanto na EREP-Pais, quanto na EREP.

Tabela 2.

Frequências, porcentagens das tipologias de estilos parentais da EREP e da EREP-Pais

Tipologias	EREP-Pais				EREP			
	Estilo Parental do		Estilo Parental do		Estilo Parental do		Estilo Parental da	
	RESPONDENTE		CÔNJUGE		PAI		MÃE	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Negligente	45	36,00	52	41,60	131	31,60	136	33,70
Autoritário	25	20,00	11	8,80	80	19,30	75	18,60
Indulgente	18	14,40	11	8,80	76	18,30	68	16,80
Autoritativo	37	29,60	51	40,80	128	30,80	125	30,90

Em seguida, o teste de correlação de Pearson foi realizado com intuito de identificar as magnitudes de associação dos fatores da EFC-Breve com os fatores de exigência e responsividade da EREP e da EREP-Pais, a idade e número de filhos. Os resultados encontrados estão dispostos na tabela abaixo.

Tabela 3.

Correlações entre os fatores da EFC-Breve com EREP-Pais, EREP, idade e nº de filhos

		EFC-Breve		
		Escore	Forças	Forças Intelectuais e
		Total	Intrapessoais	Interpessoais
Sociodemográficas	Idade	0,20**	0,19**	0,19**
	Nº filhos	0,07	0,07	0,06
EREP-Pais	Exigência do Respondente	0,21*	0,22*	0,18*
	Responsividade do Respondente	0,40**	0,40**	0,36**
	Exigência do Cônjuge	0,30**	0,32**	0,26**
	Responsividade do Cônjuge	0,34**	0,34**	0,30**
EREP	Exigência do Pai	0,20**	0,21**	0,16**
	Responsividade do Pai	0,17**	0,16**	0,15**
	Exigência da Mãe	0,18**	0,13**	0,18**
	Responsividade da Mãe	0,19**	0,17**	0,18**

Nota: **. $p < 0,01$; *. $p < 0,05$

As associações relatadas na Tabela 3 tiveram magnitudes fracas e moderadas (r entre 0,13 e 0,40). Em relação às características sociodemográficas, os fatores da EFC-Breve apresentaram associações significativas com a idade (r entre 0,19 e 0,20) sendo todas positivas. Na EREP-Pais, os três fatores da EFC-Breve apresentaram associações positivas com as dimensões de exigência (r entre 0,18 e 0,32) e responsividade (r entre 0,30 e 0,40), com valores de associação maiores nas dimensões de responsividade. O fator forças intrapessoais apresentou associações de maiores magnitudes com as dimensões exigência e responsividade da EREP-Pais quando comparadas com as associações das mesmas dimensões com o fator forças intelectuais e interpessoais. Por fim, as associações entre os fatores da EFC-Breve e as dimensões exigência (r entre 0,13 e 0,21) e responsividade (r entre 0,15 e 0,19) da EREP foram positivas e fracas. Assim como identificado na EREP-Pais, o fator forças intrapessoais apresentou associações de maiores magnitudes com as dimensões de exigência e responsividade do pai. Todavia, o fator forças intelectuais e interpessoais apresentou associações

maiores que as do fator forças intrapessoais com as dimensões de responsividade e exigência da mãe.

Posteriormente foram realizadas regressões lineares múltiplas. No primeiro momento, as dimensões responsividade e exigência parentais, percebidas pelos respondentes, foram consideradas variáveis independentes; e os fatores da EFC-Breve, variáveis dependentes. O intuito foi identificar se as dimensões são capazes de prever os níveis de forças de caráter dos respondentes. Os resultados referentes às análises de regressão estão dispostos na Tabela 4.

Os resultados da Tabela 4 indicaram que a exigência do pai ($p = 0,006$) e a responsividade da mãe ($p = 0,044$) foram capazes de prever o fator forças intrapessoais da EFC-Breve (R^2 ajustado = 0,05). Por outro lado, as dimensões da EREP não foram preditivas do fator forças intelectuais e interpessoais da EFC-Breve (R^2 ajustado = 0,04). Destaca-se ainda que o Durbin-Watson e as estatísticas de colinearidade (tolerância e VIF) estiveram dentro dos valores de referência nos dois fatores da EFC-Breve.

No segundo momento, as análises de regressão foram aplicadas com o objetivo de identificar se as forças de caráter (variáveis independentes) dos respondentes que tinham filhos seriam capazes de prever as dimensões de responsividade e exigência (variáveis dependentes) da EREP-Pais. Conforme apresentado na Tabela 9, o fator forças intrapessoais foi preditivo em relação à responsividade do respondente (R^2 ajustado = 0,16; $p = 0,016$) e à exigência (R^2 ajustado = 0,09; $p = 0,034$) e responsividade (R^2 ajustado = 0,12; $p = 0,036$) do cônjuge. O fator forças intelectuais e interpessoais não apresentou capacidade preditiva significativa em relação às dimensões da EREP-Pais. Ressalta-se que os valores de Durbin-Watson e das estatísticas de colinearidade estiveram dentro dos valores de referência.

Tabela 4.

Análises de regressão linear múltiplas entre a EFC-Breve, EREP e EREP-Pais

Regressões lineares múltiplas entre EFC-Breve e EREP									
Fatores da EFC-Breve (VD)	Dimensões da EREP (VI)	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	<i>t</i>	<i>p</i>	Durbin-Watson	Tolerância (VIF)	
		<i>B</i>	<i>Erro Padrão</i>	<i>Beta</i>					
Forças Intrapessoais	Constante	2,569	0,151		16,967	0,001	1,751		
	Exigência do PAI	0,106	0,038	0,163	2,767	0,006			0,651 (1,536)
	Responsividade do PAI	0,021	0,039	0,031	0,526	0,599			0,654 (1,530)
	Exigência da MÃE	-0,002	0,054	-0,002	-0,041	0,968			0,703 (1,422)
	Responsividade da MÃE	0,096	0,048	0,113	2,023	0,044			0,724 (1,380)
Forças Intelectuais e Interpessoais	Constante	2,037	0,131		15,581	0,001	1,755		
	Exigência do PAI	0,038	0,033	0,067	1,134	0,257			0,651 (1,536)
	Responsividade do PAI	0,025	0,034	0,044	0,747	0,455			0,654 (1,530)
	Exigência da MÃE	0,080	0,047	0,097	1,705	0,089			0,703 (1,422)
	Responsividade da MÃE	0,071	0,041	0,097	1,733	0,084			0,724 (1,380)
Regressões lineares múltiplas entre EREP-Pais e EFC-Breve*									
Dimensões da EREP-Pais (VD)	Fatores EFC-Breve (VI)	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	<i>t</i>	<i>p</i>	Durbin-Watson		
		<i>B</i>	<i>Erro Padrão</i>	<i>Beta</i>					
Exigência do Respondente	Constante	1,882	0,391		4,810	0,001	1,532		
	Forças Intrapessoais	0,248	0,166	0,193	1,491	0,138			
	Forças Intelectuais e Interpessoais	0,053	0,166	0,041	0,317	0,751			
Responsividade do Respondente	Constante	1,820	0,302		6,029	0,001	1,781		
	Forças Intrapessoais	0,313	0,128	0,295	2,434	0,016			
	Forças Intelectuais e Interpessoais	0,149	0,125	0,142	1,169	0,245			
Exigência do Cônjuge	Constante	1,157	0,429		2,697	0,008	2,023		
	Forças Intrapessoais	0,392	0,183	0,271	2,147	0,034			
	Forças Intelectuais e Interpessoais	0,088	0,181	0,061	0,487	0,627			
Responsividade do Cônjuge	Constante	1,023	0,454		2,253	0,026	2,032		
	Forças Intrapessoais	0,409	0,193	0,264	2,119	0,036			
	Forças Intelectuais e Interpessoais	0,166	0,192	0,108	0,864	0,389			

Nota: VD – Variáveis dependentes; VI – Variáveis independentes; Valores de referência: Durbin-Watson (entre 1,5 e 2,5); Tolerância (> 0,1); VIF (< 10). *. As estatísticas de colinearidade apresentaram os mesmos valores nas regressões: Tolerância (0,463) e VIF (2,158).

A ANOVA foi utilizada fim de identificar diferenças de médias nos fatores da EFC-Breve de acordo com os estilos parentais da EREP e da EREP-Pais, estado civil e escolaridade dos participantes. Foram

encontradas diferenças estatisticamente significativas no estilo parental do respondente no fator forças intelectuais e interpessoais da EFC-Breve ($F[121] = 2,627; p = 0,053$). Quanto ao estilo parental do cônjuge, foram identificadas diferenças estatisticamente significativas no fator forças intrapessoais ($F[121] = 2,937; p = 0,036$) e escore total ($F[121] = 3,050; p = 0,031$). O estilo parental do pai apresentou diferenças significativas em relação aos fatores forças intrapessoais ($F[411] = 6,469; p = 0,001$), forças intelectuais e interpessoais ($F[411] = 5,048; p = 0,002$) e ao escore total da EFC-Breve ($F[411] = 6,794; p = 0,001$). Por fim, o estilo parental materno apresentou diferenças estatisticamente significantes no escore total ($F[400] = 6,587; p = 0,001$) e nos fatores forças intelectuais e interpessoais ($F[400] = 6,813; p = 0,001$) e nas forças intrapessoais ($F[400] = 3,481; p = 0,016$).

Os resultados encontrados no *post-hoc* não indicaram, para a EREP-Pais, divisão de grupos, sendo as maiores médias nos três fatores da EFC-Breve dos participantes com estilo parental indulgente, seguidos de autoritativo, autoritário e negligente, tanto para o respondente, quanto para o cônjuge. Por outro lado, na EREP, foi identificado dois grupos, tanto para o estilo parental do pai, quanto da mãe. Um grupo foi composto por participantes de estilo parental negligente e outro de estilo autoritativo. Os participantes que indicaram que os pais eram autoritativos apresentaram maiores médias em todos os fatores da EFC-Breve, enquanto os de estilo negligente apresentaram as menores médias. Os participantes apresentaram maiores médias no fator forças intrapessoais da EFC-Breve.

Quanto à escolaridade, os participantes foram divididos em cinco grupos: até o ensino médio, superior incompleto, superior completo, pós-graduação incompleta e pós-graduação completa. A ANOVA não indicou diferenças estatisticamente significativas em relação às dimensões de responsividade e exigência das EREP's entre as diferentes escolaridades. Por sua vez, foram identificadas diferenças estatisticamente significativas nos fatores forças intrapessoais ($F[419] = 3,992; p = 0,003$), forças intelectuais e interpessoais ($F[419] = 5,071; p = 0,001$) e escore total ($F[419] = 5,622; p = 0,001$) da EFC-Breve. Os resultados do teste *post-hoc* indicaram que os participantes se dividiram em dois grupos distintos (até o ensino médio completo X pós-graduação incompleta e completa), de acordo com o nível de escolaridade. Quanto maior a escolaridade dos participantes, mais elevadas foram as médias nos fatores da EFC-Breve.

Nas comparações de médias conforme o estado civil dos participantes, foram considerados inicialmente três grupos: solteiros, casados e divorciados ou viúvos. Dado que o número de participantes viúvos ($n = 3$) e divorciados ($n = 12$) era pequeno, optou-se por incluí-los no mesmo grupo, uma vez que, seja pela morte do (a) companheiro (a) ou por outro motivo, estavam separados. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para o escore total ($F[421] = 5,711; p = 0,004$), forças intrapessoais ($F[421] = 7,309; p = 0,001$) e forças intelectuais e interpessoais ($F[421] = 3,466; p = 0,032$) da EFC-Breve; exigência ($F[122] = 6,542; p = 0,002$) e responsividade do cônjuge ($F[122] = 7,118; p = 0,001$) da EREP-Pais; e exigência da mãe ($F[421] = 2,826; p = 0,036$) da EREP. Não foram identificados subgrupos para os fatores da EFC-Breve. Nos três fatores, os participantes divorciados ou viúvos apresentaram as maiores médias, seguidos de casados e solteiros. Em relação às EREP's, foram identificados dois grupos distintos. Para exigência e responsividade do cônjuge (EREP-Pais), divorciados ou viúvos se diferiram de casados, sendo que esses últimos apresentaram médias mais elevadas. Quanto à exigência da mãe (EREP), um grupo foi formado por divorciados ou viúvos e o outro por solteiros e casados, sendo a maior média dos participantes solteiros.

Posteriormente, o teste *t* de Student foi utilizado para identificar diferenças de médias relacionadas a possuir filhos ou não. Os resultados indicaram diferenças estatisticamente significativas nos fatores forças intrapessoais ($t[246,692] = -3,803; p = 0,001$), forças intelectuais e interpessoais ($t[202,517] = -3,367; p = 0,001$) e escore total ($t[206,279] = -3,806; p = 0,001$) da EFC-Breve, sendo que aquele que possuíam filhos apresentaram maiores médias. Além disso, na dimensão responsividade da mãe da EREP também foi identificada diferença estatisticamente significativa ($t[422] = 3,121; p = 0,002$) de forma que os participantes que não tinham filhos apresentaram maiores médias.

Discussão

No presente estudo, o objetivo foi a identificação das associações entre as forças de caráter e os estilos parentais de adultos, além de considerar possíveis diferenças relacionadas às variáveis sociodemográficas dos participantes como forma de obtenção de evidências de validade baseada, pois, na relação com outras variáveis para a EFC-Breve. Os estilos parentais foram escolhidos como variável externa pelo fato de

funcionarem, analogamente às forças de caráter, como fator protetivo contra psicopatologias e em prol do desenvolvimento de autoestima e ajustamento social (Fonsêca et al., 2014; Kopala-Sibley et al., 2017; Lo et al., 2017).

As estatísticas descritivas indicaram resultados semelhantes aos de Noronha e Batista (2017), de modo que as forças de caráter com maiores médias identificadas pelos autores foram aquelas ligadas ao fator forças intrapessoais (por exemplo, gratidão, esperança e espiritualidade). Ademais, em relação aos estilos parentais, os autores também identificaram maiores níveis de responsividade do respondente e do cônjuge quando comparados aos níveis de exigência. Quanto aos níveis de responsividade e exigência maternos serem maiores que os paternos, os resultados são coerentes com a literatura, de forma que os pais (homens) geralmente são identificados como pessoas menos envolvidas na criação dos filhos do que as mulheres (Fonsêca et al., 2014; Noronha & Batista, 2017; Teixeira et al., 2004). No que se refere às frequências de tipologias de estilos parentais, os resultados são semelhantes aos identificados na literatura em crianças e adolescentes (Costa, Teixeira, & Gomes, 2000; Teixeira et al., 2004). Nesse sentido, os estilos parentais dos respondentes parecem estar em consonância com os estilos recebidos dos pais (Oliveira et al., 2002) e, no caso dos negligentes, denotam a necessidade de desenvolver as forças de caráter a fim de contribuir com o estabelecimento de relacionamentos interpessoais mais saudáveis a nível intra e extrafamiliar (Ngai et al., 2018).

Quanto à primeira hipótese, esperava-se que as associações entre as forças de caráter e as dimensões de estilos parentais fossem positivas, com magnitudes baixas e moderadas. A hipótese foi confirmada e está de acordo com a literatura (Ngai et al., 2018; Noronha & Batista, 2017; Shoshani & Aviv, 2012). Destaca-se o fato de a responsividade ter apresentado as associações mais elevadas com as forças de caráter. Uma possível explicação para o resultado é a de que os pais que são responsivos tendem a se comunicar melhor com seus filhos, auxiliando-os no desenvolvimento da autonomia e autoconfiança (Fonsêca et al., 2014; Pacheco et al., 1999). Além disso, pessoas que têm altos escores de forças de caráter também possuem mais habilidades para o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis por saberem se comunicar de forma adequada e se comportarem melhor socialmente (Noronha & Batista, 2020; Seligman, 2019). Em relação à idade, as associações positivas com as forças de caráter podem ser explicadas por meio da aprendizagem adquirida com

o passar dos anos, conforme o desenvolvimento ao longo do tempo de habilidades de ajustamento social e de busca por conhecimento (Harzer & Ruch, 2015; Noronha & Barbosa, 2016).

As análises de regressão deram destaque ao fator forças intrapessoais da EFC-Breve. Inicialmente, o fator foi predito pela exigência do pai e pela responsividade da mãe. Uma possível explicação para o resultado é considerar o estilo parental combinado (pai e mãe) (Costa et al., 2000; Teixeira et al., 2004). Nesse caso, a exigência do pai e a responsividade da mãe, quando em níveis equilibrados, formar o estilo parental autoritativo e, dessa forma, podem ter contribuído com o desenvolvimento das forças de caráter intrapessoais dos respondentes (Loton & Waters, 2017; Ngai et al., 2018; Noronha & Batista, 2017; Oliveira et al., 2002; Shoshani & Aviv, 2012). Ressalta-se também a importância da presença paterna na educação dos filhos. À medida que os pais (homens) procurassem participar mais do processo educativo dos filhos, poderiam contribuir para que eles estivessem mais protegidos de exposições à violência, ideações e tentativas suicidas (Magnani & Staudt, 2018). Dado que as mulheres tendem a ser mais afetivas que os homens (Weiss, Gratz, & Lavender, 2015), quando o possui níveis adequados de exigência, o estilo parental combinado, resultante desse equilíbrio, é benéfico para crianças e adolescentes (Costa et al., 2000; Teixeira et al., 2004).

Posteriormente, as análises de regressão indicaram que o fator forças intrapessoais foi preditivo em relação à responsividade do respondente e à exigência e responsividade do cônjuge. Esses resultados parecem corroborar a ideia de que os estilos parentais recebidos tendem a ser adotados na vida adulta (Oliveira et al., 2002). Todavia, há de se considerar que as duas medidas de estilos parentais possuem conteúdos semelhantes em seus itens, sendo necessário, nesse caso, o controle do efeito halo (Wetzel, Böhnke, & Brown, 2016) para identificar se os resultados possíveis continham interveniências. Nesse tipo de viés, o respondente tende a endossar ou não todas as características as quais as medidas avaliam (Kahneman, 2011), o que causa um falso senso de coerência nas características avaliadas (Wetzel et al., 2016).

Ainda, aventa-se que o efeito dos estilos parentais não seja expressivo na vida adulta, mesmo que importantes, conforme os resultados encontrados nas análises de correlação e regressão. As associações e os valores de Beta foram baixos, indicando a necessidade de interpretar os dados com cautela. Ademais, ainda que os estilos parentais e os ambientes familiares possam facilitar ou prejudicar o desenvolvimento das forças

de caráter (Di Stefano & Cyr, 2014; Fonsêca et al., 2014; Huppert, et al., 2010; Noronha & Batista, 2017), cabe a cada indivíduo, na sua liberdade, escolher o que é melhor para si e para os demais (Frankl, 2015), principalmente quando se trata de pessoas adultas.

Ao comparar as médias nos fatores da EFC-Breve de acordo com os estilos parentais, tanto os resultados da EREP quanto da EREP-Pais indicaram que estilos com maiores níveis de responsividade apresentaram maiores médias (autoritativo e indulgente, respectivamente). Uma possível explicação é que indivíduos com níveis elevados de responsividade tendem a aceitar melhor os argumentos dos filhos, se comunicam melhor e contribuem mais para que esses desenvolvam a autoconfiança, a autonomia e a autoestima (Fonsêca et al., 2014; Noronha & Batista, 2017; Pacheco et al., 1999). Ademais, há de se destacar que os participantes que indicaram estilos autoritativos (materno e paterno) apresentaram maiores médias nos fatores da EFC-Breve, possivelmente por ser o estilo mais adequado em amostras não-clínicas (González et al., 2014). Nesse estilo parental, há o suporte emocional de forma semelhante ao do estilo indulgente, porém, também se faz controle dos comportamentos dos filhos, o que contribui para o desenvolvimento de disciplina e bons desempenhos acadêmicos (Fonsêca et al., 2014).

Quanto à escolaridade, os participantes com maiores níveis apresentaram médias maiores nos fatores da EFC-Breve. Os resultados são coerentes com a literatura e podem ser justificados pela diferença de compreensão dos itens em cada nível de escolaridade. Anteriormente, alguns autores destacaram a importância do desenvolvimento e o aprendizado das forças pessoais em contextos escolares, familiares e institucionais, desde a infância até a vida adulta (Brazeau et al., 2012; Harzer & Ruch, 2015). Dessa forma, seriam possibilitadas experiências e emoções positivas, como a satisfação, o orgulho e a esperança (Bzuneck, 2018; Gustems & Calderón, 2014).

No que se refere ao estado civil dos participantes, maiores médias foram registradas dentre os divorciados ou viúvos nos fatores da EFC-Breve. Uma possível explicação centra-se no fato de os divorciados ou viúvos, geralmente, serem mais velhos que os solteiros, o que pode indicar uma interveniência da variável idade nos resultados. O divórcio e a morte do cônjuge são alguns dos eventos estressantes que mais desestruturam os indivíduos na vida adulta (Lamela, Figueiredo, & Bastos, 2010). Outra justificativa para os

resultados encontrados, além da possível interferência da idade, é o fato de os participantes viúvos ou divorciados terem empregado esforços comportamentais e cognitivos para conter os efeitos negativos de tais eventos (Lamela et al., 2010), de forma que os níveis de forças podem ter contribuído para a elevada pontuação (Littman-Ovadia et al., 2017; Noronha & Batista, 2017; 2020; Park et al., 2013). Os resultados identificados nas EREP's são coerentes com a literatura (Costa et al., 2000; Noronha & Batista, 2017; Teixeira et al., 2004) à medida que os respondentes tendem a enxergar os cônjuges como mais exigentes e responsivos (Noronha & Batista, 2017), sobretudo quando moram juntos.

Faz-se necessário considerar os contextos nos quais os participantes estão inseridos a fim de minimizar erros nas avaliações (Ciarrochi, Atkins, Hayes, Sahdra, & Parker, 2016). Dessa forma, ressalta-se que os dados referentes ao estado civil precisam ser analisados com cautela. Ainda que os efeitos do divórcio e da morte do cônjuge sejam, no geral, negativos, podem existir casos em que essa separação seja benéfica (ex: situações de violência doméstica ou de doença prolongada do cônjuge), o que contribuiria com a sensação de realização pessoal, aumento de bem-estar e possibilidade de estabelecer novas relações (Lamela et al., 2010). O fato de os participantes que possuem filhos apresentarem maiores médias nos fatores da EFC-Breve se explica ao considerar que os níveis de satisfação com a vida, associados positivamente às forças, tendem a aumentar nas vivências comunitárias – no caso, a família. (Noronha & Martins, 2016; Oliveira et al., 2016).

Por fim, é possível constatar que os objetivos propostos para o presente estudo foram alcançados com sucesso, uma vez que os dados encontrados são coerentes com a literatura e parecem indicar evidências de validade, com base na relação com outras variáveis para a EFC-Breve. Como limitações, há de se levar em conta o número de participantes que responderam à EREP-Pais, sendo necessário, ainda, contar com amostras maiores em estudos futuros, sobretudo, para as análises de regressão. Isso se faz importante para compreender melhor as estatísticas de multicolinearidade e o Durbin-Watson encontrados no presente estudo. Além disso, outros construtos que avaliam aspectos do contexto familiar (ex: percepção de suporte social e percepção de suporte familiar) poderiam ser investigados conjuntamente com as forças de caráter a fim de compreender melhor a importância da família no desenvolvimento de características positivas da personalidade.

Referências

- Baumrind, D. (2005). Patterns of parental authority and adolescent autonomy. *New Directions for Children and Adolescent Development*, 2005(108), 61-69. doi:10.1002/cd.128
- Brazeau, J. N., Teatero, M. L., Rawana, E. P., Brownlee, K., & Blanchette, L. R. (2012). The Strengths Assessment Inventory: Of a new measure of psychosocial strengths for youth. *Journal of Child and Family Studies*, 21(3), 384-390. doi:10.1007/s10826-011-9489-5
- Bzuneck, J. A. (2018). Emoções acadêmicas, autorregulação e seu impacto sobre motivação e aprendizagem. *ETD — Educação Temática Digital*, 20(4), 1059-1075. doi:10.20396/etd.v20i4.8649692
- Ciarrochi, J., Atkins, P. W. B., Hayes, L. L., Sahdra, B. K., & Parker, P. (2016). Contextual positive psychology: Policy recommendations for implementing positive psychology into schools. *Frontiers in Psychology*, 7, 1561. doi:10.3389/fpsyg.2016.01561
- Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: Duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 465-473. doi:10.1590/S0102-79722000000300014
- Di Stefano, G., & Cyr, F. (2014). Child adjustment following parental separation: the role of maternal well-being, parenting quality, and household income. *Journal of Child Custody* 11(1), 5–24. doi:10.1080/15379418.2014.892802
- Fonsêca, P. N., Andrade, P. O., Santos, J. L. F., Cunha, J. E. M., & Albuquerque, J. H. A. (2014). Hábitos de estudo e estilos parentais: estudo correlacional. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 18(2), 337-345. doi:10.1590/2175-3539/2014/0182755
- Frankl, V. E. (2015). *Em busca de sentido*. (37ª ed.). São Leopoldo/ Petrópolis: Sinodal/Vozes.
- González, R., Bakker, L., & Rubiales, J. (2014). Estilos parentales en niños y niñas con TDAH. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 12(1), 141-158. doi:10.11600/1692715x.1217060413
- Gustems, J., & Calderón, C. (2014). Character strengths and psychological wellbeing among students of teacher education. *International Journal of Educational Psychology*, 3(3), 265-286.

doi:10.4471/ijep.2014.14

- Harzer, C., & Ruch, W. (2015). The relationships of character strengths with coping, work-related stress, and job satisfaction. *Frontiers in Psychology, 6*, 165. doi:10.3389/fpsyg.2015.00165
- Huppert, F. A., Abbott, R. A., Ploubidis, G. B., Richards, M., & Kuh, D. (2010). Parental practices predict psychological well-being in midlife: lifecourse associations among women in the 1946 British birth cohort. *Psychological Medicine, 40*(9), 1507–1518. doi:10.1017/S0033291709991978
- Kahneman, D. (2011). *Thinking, fast and slow*. London, UK: Allen Lane.
- Kopala-Sibley, D. C., Jelinek, C., Kessel, E., Frost, A., Allmann, A. E. E., & Klein, D. N. (2017). Parental depressive history, parenting styles, and child psychopathology over six years: The contribution of each parent's depressive history to the other's parenting styles. *Development and Psychopathology, 29*(4), 1468-1482. doi:10.1017/S0954579417000396
- Lamela, D., Figueiredo, B., & Bastos, A. (2010). Adaptação ao divórcio e relações coparentais: Contributos da teoria da vinculação. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 23*(2), 562-574. doi:10.1590/S0102-79722010000300017
- Levin, J., & Fox, J. A. (2004). *Estatística para ciências humanas*. São Paulo, SP: Pearson.
- Littman-Ovadia, H., Lavy, S., & Boiman-Meshita, M. (2017). When theory and research collide: examining correlates of signature strengths use at work. *Journal of Happiness Studies, 18*(2), 527–548. doi:10.1007/s10902-016-9739-8
- Lo, H. H. M., Kwok, S. Y. C. L., Yeung, J. W. K., Low, A. Y. T., & Tam, C. H. L. (2017). The moderating effects of gratitude on the association between perceived parenting styles and suicidal ideation. *Journal of Child and Family Studies, 26*(6), 1671–1680. doi:10.1007/s10826-017-0683-y
- Loton, D. J., & Waters, L. E. (2017). The mediating effect of self-efficacy in the connections between strength-based parenting, happiness and psychological distress in teens. *Frontiers in Psychology, 8*, 1707. doi:10.3389/fpsyg.2017.01707
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Org.), *Handbook of child psychology* (Vol. 4, pp. 1-101). New York: Wiley.

- Magnani, R. M., & Staudt, A. C. P. (2018). Estilos parentais e suicídio na adolescência: Uma reflexão acerca dos fatores de proteção. *Pensando Famílias*, 22(1), 75-86. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Mota, C. P., Costa, M., Pinheiro, M., & Nunes, F. (2019). Estilos parentais e comportamentos de bullying em adolescentes jovens e adultos: Efeito moderador da personalidade. *Análise Psicológica*, 37(4), 447-461. doi:10.14417/ap.1597
- Ngai, S. S., Cheung, C., Xie, L., Ng, Y., Ngai, H., Liu, Y., & Ho, J. C. (2018). Psychometric properties of the Parental Bonding Instrument: Data from a Chinese adolescent sample in Hong Kong. *Journal of Child Family Studies*, 27(7), 2112-2124. doi:10.1007/s10826-018-1058-8
- Noronha, A. P. P., & Barbosa, A. J. C. (2016). Escala de Forças e Virtudes. In C. S. Hutz (Ed.), *Avaliação em psicologia positiva: Técnicas e medidas* (pp. 21-43). São Paulo: CETEPP-Hogrefe.
- Noronha, A. P. P., & Batista, H. H. V. (2017). Escala de Forças e Estilos Parentais: Estudo correlacional. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 8(2), 2-19. doi:10.5433/2236-6407.2016v8n2p02
- Noronha, A. P. P., & Batista, H. H. V. (2020). Relações entre forças de caráter e autorregulação emocional em universitários brasileiros. *Revista Colombiana de Psicología*, 29(1), 73-86. doi:10.15446/.v29n1.72960
- Noronha, A. P. P., & Campos, R. R. F. (2018). Relationship between character strengths and personality traits. *Estudos de Psicologia*, 35(1), 29-37. doi:10.1590/1982-02752018000100004
- Noronha, A. P. P., & Martins, D. F. (2016). Associações entre forças de caráter e satisfação com a vida: Estudo com Universitários. *Acta Colombiana de Psicología*, 19(2), 83-89. doi:10.14718/ACP.2016.19.2.5
- Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravanello, T., & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 1-11. doi:10.1590/S0102-79722002000100002

- Oliveira, C., Nunes, M. F. O., Legal, E. J., & Noronha, A. P. P. (2016). Bem-estar subjetivo: Estudo de correlação com as forças de caráter. *Avaliação Psicológica*, 15(2), 177-185. doi:10.15689/ap.2016.1502.06
- Pacheco, J. T. B., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2), 117-126. doi:10.1590/S0102-37721999000200004
- Park, N., Peterson, C., & Suh, J. K. (2013). La psicología positiva: Investigación y aplicaciones. *Terapia Psicológica*, 31(1), 11-19. doi:10.4067/S0718-48082013000100002
- Reppold, C. T., & Almeida, L. (2019). *Psicologia positiva: Educação, saúde e trabalho*. Minho: CERPSI
- Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M., & Hutz, C. S. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: Uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In C. S. Hutz (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp. 7-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Seligman, M. E. P. (2019). Positive psychology: A personal history. *Annual Review of Clinical Psychology*, 15(1), 1-23. doi:10.1146/annurev-clinpsy-050718-095653
- Shoshani, A., & Aviv, I. (2012) The pillars of strength for first-grade adjustment – Parental and children's character strengths and the transition to elementary school. *The Journal of Positive Psychology*, 7(4), 315-326. doi:10.1080/17439760.2012.691981
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P., & Gomes, W. B. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica*, 3(1), 1-12. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712004000100001
- Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J., & Viezzer, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8(1), 71-79. doi:10.1590/S1413-82712003000100010
- Weiss, N. H., Gratz, K. L., & Lavender, J. M. (2015). Factor structure and initial validation of a

multidimensional measure of difficulties in the regulation of positive emotions: The DERS-Positive. *Behavior Modification*, 39(3), 431-453. doi:10.1177/0145445514566504

Wetzel, E., Böhnke, J. R., & Brown, A. (2016). Response biases. In F. T. L. Leong, D. Bartram, F. M. Cheung, K. F. Geisinger, & D. Iliescu (Eds), *The ITC International Handbook of Testing and Assessment* (pp. 349-363). Nova York: Oxford University Press.